

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: EXPROPRIAÇÃO E  
DESVALORIZAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA**

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Humberto Rocha de Souza<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este texto busca refletir a formação docente dentro da lógica do capital. Tomando como eixo norteador da análise, o materialismo histórico, o artigo busca pensar as formas de como se tem gestado as políticas de formação dos profissionais da educação, bem como as implicações no seu universo de trabalho. Se por um lado, na contemporaneidade tais políticas visa o imediatismo, a formação para o mercado tendo como consequência a descaracterização do professor enquanto intelectual e profissional da educação, a pesquisa ora em evidencia aponta, para uma formação que tenha o trabalho como princípio educativo, formação especializada e formação humana em sua totalidade. O artigo baseou-se nos estudos de pesquisadores como: Duarte (2008) e Facci (2004) e permitiram corroborar para a ampliação dos debates a cerca da formação do educador levantando suas contradições dentro da ordem econômica vigente.

**Palavras Chave:** Formação de professores; Formação humana; Capitalismo.

**RESUMEN**

Este texto pretende reflejar la capacitación docente en la lógica del capital. Tomando como eje rector de los análisis, el materialismo histórico. El artículo busca reflexionar en las formas de cómo se han desarrollados en las políticas de formación para los profesionales de la enseñanza, así como sus consecuencias para el mundo del trabajo. Si, por un lado, en la contemporaneidad, las políticas destinadas a la inmediatez, la formación para el mercado que tendría como consecuencia la desfiguración del profesor como la educación intelectual y profesional, la investigación ahora en evidencia que apunta a una formación que tiene el trabajo como principio educativo, la formación especializada y la formación del ser humano en su totalidad. El artículo se basa en los estudios realizados por los investigadores como por ejemplo: Duarte (2008) y Facci (2004) y se le permitió corroborar a la expansión de los debates sobre la formación del educador, levantando sus contradicciones dentro del orden económico existente.

**Palabras clave:** la formación del profesorado; formación humana; el capitalismo.

---

<sup>1</sup> Graduado em pedagogia – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), filiado ao Grupo de Pesquisa: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas.

## **Introdução**

Este texto é o resultado de uma pesquisa bibliográfica e documental, no qual teve como lócus de análise, documentos da ANFOPE (2010), MEC (2001) e UNESCO (2010), no qual se desenvolve numa perspectiva materialista histórica. Com o objetivo de elucidar uma prática formativa de professores, na qual tenha o trabalho como princípio educativo do fazer pedagógico, e formação plena em sua totalidade.

Vivemos numa época onde o pragmatismo impera desvelado pelos ideais pós-modernos, no qual anuncia o fim da história, a valorização do subjetivismo em detrimento do que seja objetivo, o não apego as práticas educativas que são consideradas clássicas. Esta reorientação das formas de se educar e formar o sujeito são desenvolvidos de maneira sutil, muitas vezes defendidas e percebidas nas próprias políticas de formação de professores na atualidade, bem como nas diretrizes curriculares para a educação básica. O resultado, não poderia ser diferente, se não o próprio esvaziamento do profissional de ensino que drasticamente resulta na alienação aos ditames do capital e no ecletismo educativo, (FACCI, 2004, p.140).

As contradições que formam a teia central e macro do esquema que é afixado o modelo de produção capitalista, desemboca de maneira significativa no como e como o profissional de ensino cumpre, desenvolve e enxerga o seu ofício. A máxima que envolve o escopo do trabalho docente deveria ou deve obedecer à ordem do processo pelo qual o homem, o ser humano se humaniza, e não a promoção e a reificação da própria sociedade capitalista. É importante considerar que nessa perspectiva se trata de um processo pelo qual o educador esta submetido às ordens as determinações de políticas que foram concebidas com esta proposição. Nesse caso, por mais que o educador se proponha a assumir a postura de um intelectual orgânico, comprometido com as questões sociais e com projetos da mesma finalidade que busca a transformação social em plenitude, ele se depara com as barreiras que são impostas pelo sistema educacional vigente, que cumpre, pois o papel fundamental de atender as demandas e proposições do próprio capital.

Para além de uma educação e uma prática pedagógica que vai além do imediatismo, resultado do pragmatismo e do pensamento pós-moderno, é condição sinequanon, enxergar as complexidades que envolvem o sistema educacional na atualidade. Não somente afixar o olhar e tecer considerações fenomenológicas inebriadas de correntes positivistas e pragmáticas do fenômeno educacional contemporâneo. É mister nesse sentido compreender que, explicar o fenômeno pelo fenômeno não nos da

subsídios necessários a uma compreensão aprofundada e sistematizada da problemática na qual estamos inseridos, dessa forma ultrapassar a barreira do fenômeno e enxergar além, ou seja, enxergar a essência do problema é fator decisivo na compreensão e entendimento daquilo que nos cerceia

A descaracterização do professor enquanto sujeito que detém (ou deveria) deter o conhecimento historicamente produzido, como intelectual orgânico comprometido com as massas, é reduzido ao técnico, que nada mais sabe se não o conhecimento específico para auxiliar o processo de aprendizagem do educando. O referencial curricular volume três (1998, p.209) para a educação infantil deixa explícito esta concepção de docência:

A função do professor se restringe a auxiliar o desenvolvimento infantil por meio da organização de situações de aprendizagem nas quais os materiais pedagógicos cumprem um papel de autoinstrução.

A redução do professor a um técnico que auxilia no processo de aprendizagem do educando, esta de pleno acordo com o que Duarte chama de pedagogias do “aprender a aprender”. Segundo o autor (2008, p.12):

Aos educadores caberia conhecer a realidade social não para fazer a crítica a essa realidade e construir uma educação comprometida com as lutas por uma transformação social radical, mas sim para saber melhor quais competências a realidade social está exigindo dos indivíduos.

O autor ratifica que dentro da lógica do sistema capitalista, a educação privilegia a formação de caráter imediatista, na qual sua função maior seja a de adaptação ao modelo de sociedade vigente bem como a adaptação as novas formas e padrões requeridos pelo mercado. Na verdade, o que se busca dentro desse contexto reacionário, nada mais é que formar indivíduos aptos, altamente flexíveis de acordo com o padrão toyotista de produção.

Não obstante, qual o outro objetivo estaria por traz de um processo educacional esvaziado percebido na sociedade atual? Duarte (2008, p.14), é categórico ao afirmar que:

(...) seria justamente a de enfraquecer as críticas radicais ao capitalismo e enfraquecer a luta por uma revolução que leve a uma superação radical do capitalismo, gerando a crença de que essa luta teria sido superada pela preocupação com outras questões “mais atuais”, tais como a questão da ética na política e na vida cotidiana pela defesa dos direitos

do cidadão e do consumidor, pela consciência ecológica, pelo respeito às diferenças sexuais, étnicas ou de qualquer outras natureza.

É preciso, pois, considerar que além de uma “consciência em si”, é preciso caminhar para uma “consciência para si”. Ou seja, ter em vista que o processo de exploração do capital não esta endereçada a uma categoria específica, mas antes a toda classe trabalhadora como um todo.

### **Para além da formação de competências: a visão praxiológica da formação docente**

Conforme foi falado anteriormente, as características históricas da formação de professores resultantes das políticas neoliberais, resulta na descaracterização do próprio profissional, reduzindo-o a um técnico, preocupado em desenvolver no aluno as capacidades necessárias para que o mesmo possa aprender por si mesmo.

Contrariamente a esta concepção, Rossler (2006, p.4) afirma que “a educação, cuja essência é ser o campo de desenvolvimento intelectual, afetivo e moral dos indivíduos, isto é, da formação da individualidade humana,” esbarra na contradição da própria lógica do sistema vigente, ou seja, se por um lado defendemos uma educação calcada na epistemologia da práxis, esta por sua vez que é dialeticamente caracterizada pela união entre teoria e prática, por outro temos uma ordem que insiste em desvelar sobre os cursos de formação de professores contrariando este princípio, uma concepção educativa que tem como premissa, a formação para o mercado de trabalho, cuja base se dá na lógica da propriedade privada, da competição, na busca desenfreada pelo lucro resultante da extração da mais valia, do consumo, e de outras nuances que compõem a lógica normativa da sociedade capitalista.

Nesse sentido, é mister elucidar que buscar uma formação que ultrapasse essas prerrogativas, é imbuir-se de todo referencial teórico, metodológico que corrobore um aspecto formativo crítico o bastante que de suporte para alavancar uma prática pedagógica comprometida com a formação integral do ser humano. Para transpor as barreiras que impedem a apropriação do objeto pelo sujeito, ou seja, para apropriar-se da realidade existente tomando por base não somente os fenômenos aos quais se apresenta a primeira vista em suas múltiplas contradições, Duarte (2008, p.50, 51) nos adverte que:

A apreensão da realidade pelo pensamento não se realiza de forma imediata, pelo contato direto com as manifestações mais aparentes da

realidade. Há que se desenvolver todo um complexo de mediações teóricas extremamente abstratas para se chegar a essência do real (...) o conhecimento construído pelo pensamento científico a partir da mediação do abstrato não é uma construção arbitrária da mente, não é o que o fenômeno parece ser ao indivíduo, esse conhecimento é a captação, pelo pensamento, da essência da realidade objetiva, é reflexo dessa realidade.

A epistemologia materialista e dialética defendida por Duarte, faz-nos compreender que o processo formativo dos professores desenvolvidos nas universidades deve primar pela apropriação da teoria, posto que esta seja o resultado de uma prática estudada, sistematizada e datada em um determinado momento histórico.

É nessa perspectiva, que a Associação Nacional Pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE), (2010, p.20, 23) propõe como Base comum nacional uma matriz para a formação de todos os profissionais da educação tendo como diretrizes curriculares norteadoras dos diversos cursos de pedagogia e outras licenciaturas:

- sólida formação teórica e interdisciplinar sobre o fenômeno educacional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais, bem como o domínio dos conteúdos da educação básica, de modo a criar condições para o exercício da análise crítica da sociedade brasileira e da realidade educacional;
- unidade teoria-prática atravessando todo o curso e não apenas a prática de ensino e os estágios supervisionados, de modo a garantir o trabalho como princípio educativo na formação profissional;
- trabalho coletivo e interdisciplinar como eixo norteador do trabalho docente;
- compromisso social do profissional da educação, com ênfase na concepção sócio histórica de leitura do real e nas lutas articuladas com os movimentos sociais;
- gestão democrática entendida como superação do conhecimento de administração enquanto técnica e compreendida como manifestação do significado social das relações de poder reproduzidas no cotidiano escolar;
- incorporação da concepção de formação continuada visando ao aprimoramento do desempenho profissional aliado ao atendimento das demandas coletivas da escola;
- avaliação permanente dos cursos de formação dos profissionais da educação, como responsabilidade coletiva a ser conduzida à luz do projeto político-pedagógico de cada curso/instituição.

Não é de agora que a ANFOPE vem se posicionando contra, frente às políticas que estão sendo implementadas a revelia da valorização docente. A própria conjuntura a partir dos anos de 1990 com adesão ao modelo neoliberal de gestão atual, nos revelam que os documentos direcionados a educação, que foram elaborados e sancionados foram gestados em comum acordo com os ditames do capital externo, um exemplo claro é as recomendações do relatório para a UNESCO da Comissão internacional sobre educação para o século XXI Brasil (2010 p35):

Mesmo que o ofício do professor seja, fundamentalmente, uma atividade solitária, no sentido de que cada professor deve assumir suas próprias responsabilidades e deveres profissionais, o trabalho em equipe é indispensável, sobretudo no secundário, para melhorar a qualidade da educação e adaptá-la melhor as características das aulas ou dos grupos de alunos.

É visível, que de acordo com essas orientações do relatório, os professores assumem para si não somente responsabilidades que lhe cabem enquanto profissional do ensino, mas coloca-o numa posição de sustentação da qualidade e desenvolvimento da educação, o estado se exime de suas atribuições e as desloca para os professores. Nessa mesma direção, as diretrizes curriculares para a formação de professores (2002, p.22) apontam para a mesma linha de pensamento:

A universalização do acesso à educação básica aponta para uma formação voltada a construção da cidadania, o que impõe o tratamento na escola de questões sociais atuais. *Para que esta tarefa seja efetivamente realizada* é preciso que os professores de todos os segmentos da escolaridade básica tenham uma sólida e ampla formação cultural. (grifos meu).

Não se trata aqui, de desconsiderar que o profissional da educação tenha uma sólida e ampla formação cultural, muito menos de não levar em conta a sua participação no desenvolvimento social, trata-se de averiguar para além do fenômeno pelo qual nos é apresentado, levando-se em conta as contradições na qual se encontra assentadas as bases para a construção da cidadania e a real efetivação da universalização do acesso à educação básica bem como acesso ao conhecimento historicamente produzido.

Dessa feita, algumas perguntas merecem ser postas em evidencia. Qual a concepção de formação de professores as diretrizes curriculares defendem? Como os

professores terão uma formação ampla e sólida, se historicamente as escolas públicas sofrem com as mazelas do Estado, isto acrescido à depredação na qual as universidades públicas vêm sofrendo com as políticas neoliberais, onde o privado é sinônimo de qualidade em detrimento daquilo que é gratuito? Como o conhecimento poderá de fato estar a serviço da classe trabalhadora, se aqueles que detêm os meios de produção também detêm o saber?

Marx, (1982, p.38) afirma que:

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem a sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo submetidas em média às ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual.

Com a afirmativa acima, o que se percebe é que a classe burguesa, ao deter os meios de produção material, tem também o interesse de manter e difundir seus ideais, suas ideologias enquanto classe dominante. O resultado obtido consiste então em manter-se hegemônica.

As respostas para todos estes questionamentos, merecem e devem ser buscadas nos desdobramentos históricos no qual a sociedade capitalista se origina, dada a complexidade das estruturas nas quais ela se firma em quanto classe dominante. Contudo, em se tratando da formação do educador no contexto do neoliberalismo, o que se percebe, é uma valorização de uma formação flexível e centrada na prática cotidiana, como estratégia do neoliberalismo para adaptar-se as constantes mudanças do processo de produção do sistema capitalista. Como salienta Tommasi (2003, p. 11), no contexto das políticas neoliberais:

Inscrevem-se as reformas educativas, de modo a produzir um ordenamento no campo educacional necessário a: a) adequar às políticas educacionais ao movimento de esvaziamento das políticas de bem-estar social; b) estabelecer prioridades, cortar custos, racionalizar o sistema, enfim, embeber o campo educativo da lógica do campo econômico e c) subjugar os estudos, diagnósticos e projetos educacionais a essa mesma lógica.

Tommasi nos apresenta dessa forma, a racionalização e a subjugação a qual o sistema educacional está submetida às políticas de estado mínimo. Cabe ressaltar, que

dentro da lógica mercadológica, a formação do professor é vista efetivamente do ponto de vista prático, feita em serviço, tendo o livro didático como apoio central.

Buscando-se elucidar uma visão praxiológica de educação, devemos nos atentar que “a vida objetiva, material, produz a vida subjetiva, imaterial. Este será o pressuposto determinante para a formação humana plena”. Nesse sentido, cumpre, pois salientar que o processo formativo dos professores bem como suas práticas pedagógicas, não estão desmembradas das práticas políticas e econômicas existentes, posto que, as próprias diretrizes para a formação do profissional da educação, é endossada pela concepção de mercado que rege as estruturas capitalistas de produção.

Esse fenômeno, caracterizado pelas ações imperialistas, tem suas implicações diretas no que tangencia uma formação que tenha como pressuposto a práxis. O redimensionamento de uma formação plena nesse caso, constitui-se no bojo das macro e microestruturas da sociedade atual como fator extremamente necessário, dado ao processo de desumanização que o capital exerce. Assim, não basta apenas pensar o processo formativo puramente na construção de competências a serem desenvolvidas no seu cotidiano, muito menos se trata de forma o profissional para refletir em cima de sua prática diária, uma formação superficial na qual o educador só consegue explicar a realidade educacional a partir de sua prática cotidiana, sem fazer as conexões necessárias com o modelo educacional neoliberalizante, na qual se consolidou o Brasil a partir dos anos de 1990 no governo do Fernando Henrique Cardoso.

Esta visão praxiana de formação humana, vai além da visão imediatista, despolitizada, fragmentada e experimental que é defendida com vistas a atender as demandas comerciais.

Nessa perspectiva, conforme salienta Facci (2004, p.226):

Desse ponto de vista, o que interessa para a educação é levar o aluno a apropriar-se dos elementos que os indivíduos necessitam assimilar para se humanizarem. Para tanto, a educação tem que partir, sempre, do saber objetivo produzido historicamente.

Continuando a análise, a autora afirma (p.228) que:

A apropriação desses conhecimentos científicos levava o aluno a conhecer de forma mais concreta, por meio da mediação das abstrações, da realidade da qual ele faz parte. Assim, o adulto mais desenvolvido, no caso o professor, deve ter como meta transmitir para os alunos esse conhecimento científico de forma sistematizada.

É nesse sentido, que a análise curricular postas nas universidades, e nos processos de formação continuada deve ser feita. Hora, o currículo que atende na atualidade, a algumas instituições de ensino superior está alocada em visões econômicas que procura sustentar e atender o imediatismo, muitas vezes desvinculados de uma perspectiva de humanização do sujeito. Assim “o exercício de uma formação voltado ao mercado limita sobremodo qualquer projeto ampliado de desenvolvimento humano”.

Dentro desse contexto, quando falamos em formação humana e uma formação que tenha a práxis como categoria que norteia a prática pedagógica, estamos partindo do conceito de trabalho educativo formulada por Saviani (1997, p.17):

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Esta explicito, então nesse conceito, que o trabalho formativo numa perspectiva da práxis, esta atrelada a apropriação das objetivações históricas da humanidade, em outras palavras, esta se refere à conquista dos bens culturais, materiais, simbólicos que foram e continuam sendo produzidas coletivamente pelo conjunto dos homens.

A forma como este processo devera ser realizado, devera ser pautado em um currículo que leve em consideração estes pressupostos, do contrario, a intenção de uma formação práxiana, bem como as atividades pedagógicas realizadas em sala, indubitavelmente transcorrera sob a ótica neoliberalizante do mercado imperialista.

### **Breves considerações.**

A proposta de travar um debate, a respeito do processo formativo do profissional em educação, dentro do sistema capitalista, fazendo as devidas conexões com as esferas políticas e econômicas, nos faz perceber o quanto a educação em sua totalidade esta subjugada a lógica neoliberal.

Nesse sentido, indubitavelmente o reflexo de tais políticas ira determinar de forma significativa os documentos oficiais da educação, entre eles as Diretrizes curriculares para

a formação dos professores, e como essas ações por sua vez determinam as práticas pedagógicas no cotidiano desses mesmos profissionais.

Cabe, pois, ratificar, que a análise empreendida se pauta numa perspectiva de defesa de uma formação humana plena do ser, tendo o trabalho como princípio educativo. É mister considera depois desse percurso teórico, a urgência de se pensar a prática educativa fundamentada no comprometimento por uma escola pública, gratuita e de qualidade fundamentada numa formação que carrega em seu bojo a teoria e a prática indissociavelmente.

Os processos pelos quais se evidencia os desdobramentos acima descritos, suscitam debates e questionamentos que variavelmente colaboram para um aprofundamento maior, e posteriormente uma prática educacional alicerçada na criticidade e no comprometimento político que resguarda e amplia o papel do professor em sala de aula, dando-lhes significado concreto de uma concepção e ação que valorize sua prática docente. Longe de ser um intercâmbio da ação ideológica do sistema comercial global, o professor é e deve ser um profissional pautado pelo senso crítico e científico.

Eis, o desafio que esta posto na contemporaneidade, há aqueles que estão engajados no processo educativo. Este exercício passa inexoravelmente pelo movimento dialético, das análises contraditórias da sociedade atual, na qual a escola se encontra inserida e pela ruptura do olhar fenomenológico que cristaliza as práticas escolares e impedem o seu real crescimento.

### **Referências bibliográficas**

ANFOPE, Associação Nacional pela Formação dos profissionais da Educação, **Documento final do 15º Encontro Nacional** \_ Caldas Novas GO, 2010.

DUARTE, Newton, **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Autores Associados – Campinas SP, 2008.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias, **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Autores Associados – Campinas SP, 2004.

TOMMASI, Livia de, WARDE, Mirian Jorge, HADDAD Sérgio (organizadores), **O Banco Mundial e as políticas educacionais**. 4, ed. Cortez – São Paulo, 2003.

MEC, Ministério da Educação, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**, em nível superior, curso de licenciatura plena. 2001.

MARTINS, Marcos Francisco, **Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?** Autores Associados \_ Campinas SP, 2000.

MARX, Karl, **Contribuição para a crítica da economia política.** Mandacaru – São Paulo, 1989.

UNESCO, **Um tesouro a descobrir**, Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI, publicado pelo setor de educação da representação da UNESCO no Brasil, Julho/2010.

ROSSLER, João Henrique, **Sedução e alienação no discurso construtivista**, Autores Associados – Campinas SP, 2006.